

O FIGUEIROENSE

ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PRÓPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Editor

José Francisco da Silva
Director e Administrador

Artur de Paiva Furtado

Preço do jornal

(Decreto n.º 6:703 de 24 de junho ultimo)
cada numero—cinco centavos

Anunciam-se as obras das quaes se recebe um exemplar

Publica-se aos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia
do

CENTRO REPUBLICANO

Rua da Agua—FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director
Originaes sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados preços convencionaes

O PARLAMENTO

E' necessario auxiliar o governo para que o Paiz resurja sobre uma sã moral

Tem uma grande missão a cumprir o actual Parlamento. Como legitimo representante de todo um povo, o Parlamento, tem de forçosamente ouvir essa enorme fôrça que é a opinião publica, chavão velho de que se servem certos zangateiros profissionaes, mas que, comtudo, e a despeito d'essas falsas invocações, constitue uma formidavel fôrça moral que, como agora, arma o braço de um governo forte para a resolução dos magnos problemas da tão descurada administração publica.

E é essa a mesma voz que se ergue unanimes e firme, pedindo aos srs. parlamentares mais alguma coisa que longos discursos, quantas vezes vazios de fôrma e conceito, não porque a mentalidade dos representantes do paiz não esteja bastas vezes acima dessa ingloria palrice mas, muito pelo contrario, porque parece ser pecha de muitos que se sentam nas cadeiras de S. Bento, a mesma rabulice vesga que consciente ou inconscientemente entrava a boa marcha dos trabalhos parlamentares. E' sempre o mesmo desejo de supremacia, é sempre a mesma vaidade despótica, tressuante e bolorenta a agir quantas vezes irreflectidamente, no desejo unico de não deixar trabalhar os governos, ou de lhe pôr obstaculos á marcha normal da sua vida.

Num regime parlamentarista como o nosso, a cooperação do Parlamento é indispensavel a quem governa—é

ele que lhe concede todas as facilidades para bem poder desempenhar a sua alta missão; é ele que aconselha e guia nos perigosos escolhos que frequentemente se lhe deparam; é ele que ampara e incita, dando-lhe uma leal cooperação na resolução dos inumeros e transcendentos problemas que pela vida lãra vão surgindo.

E está o actual Parlamento á altura dessa missão?

Sim, podemos afirmal-o sem receio que nos contestem; o Parlamento está á altura do grave momento que atravessamos—a questão é que consiga vencer-se um pouco a si proprio para que aos longos debates estereis e inuteis se anteponha a verdade maxima, a condição unica da salvação publica, da regeneração nacional: que este Parlamento, ninguem o duvide, tem que tomar a serio o pesado mas multi-glorioso encargo da regeneração nacional.

Encontrou o paiz no actual governo um nucleo de homens decididos, valorosos e trabalhadores, capazes de arcar com as tremendas responsabilidades desta incerta epoca. Pois bem; que o Parlamento os auxilie rodeando-os de uma atmosfera de carinho, impondo-os pelo seu indiscutivel patriotismo que, procedendo assim, mais e mais se engrandece.

E' necessario trabalhar—proclama-se. Pois que se trabalhe e se deixe trabalhar; que se faça dessa nobilitante palavra mais que uma cata-pulta por onde se arremessem

frases e mais frases; que seja antes o lãma de nossos dias, precursores de melhores tempos.

E assim, julgamos definir de momento os desejos dessa opinião que atraz invocamos, proclamando bem alto a necessidade de o Parlamento armar o governo de todas as medidas que lhe sao indispensaveis, para bem corresponder ás bens justificadas esperanças que nele deposita a nação.

E quão difficil não será?! Basta que, antepondo a certos habitos ha muito adquiridos, venha uma restea de luz tonificadora e um pouco de bom senso moralizador, actuar beneficemente no espirito dos srs. parlamentares.

Os dias em que vivemos correm velozes, incertos e imprecisos. Não se lobra o almejado porto de salvamento, nem noutra coisa se pensa que em minimos interesses de regedoria,

E' necessario, é urgente, é inadiavel que a situação mude moralizando-se costumes, atenuando defeitos, trabalhando emfim. E o governo, podemos garantil-o porque so-bejamente conhecemos os homens que o compõe, está no firme e patriótico proposito de aproveitar todos os momentos que lhe deixem livres para trabalhar, moralisar e corrigir—assim co Parlamento compenetrando-se e inteirando-se da sua missão lhe faculte os meios para governar e o deixe governar em paz.

(D'A Republica)

J. L.



Retirou ha dias, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, para Abiul, ende vae assistir ás suas vindimas e se demorará todo o corrente mez, o nosso querido director, sr. Artur de Paiva Furtado.

Daqui lhe enviamos o nosso abraço de leal camaradagem.

—Estiveram em Figueiró, de visita ao nosso querido amigo Fernando Guedes da Silva, distintissimo escrivão de direito desta comarca, tendo já retirado, o riquissimo proprietario de Idanha-Nova, sr. José Victor Trigueiros de Melo Falcão, bem como sua ex.^{ma} esposa sr.^a D. Maria do Carmo Bento Vaz Lucas Falcão e gentilissima filha sr.^a D. Ludovina do Carmo Bento Vaz Lucas Falcão.

—Acompanhados do sr. dr. Alberto Rego, de Chão de Couce, que veiu visitar o nosso querido amigo, sr. José Malhã, estiveram aqui, n'um dos dias desta semana, os srs. dr. Joaquim Ribeiro, antigo ministro da Agricultura e riquissimo proprietario do Tojal, concelho de Ferreira do Zezere, Sousa Pinto, illustre escritor e Rafael de Freitas, professor em Tomar.

—De visita a sua ex.^{ma} esposa, que aqui se encontra a tomar ares, acha-se entre nós, com demora de alguns dias, o sr. dr. José Nunes Nascimento, antigo senador e distintissimo advogado em Evora e cunhado dos srs. Manoel dos Santos Abreu e dr. Mario Guimarães.

—Passou aqui, ha dias, vindo da Castanheira de visitar sua ex.^{ma} sogra e cunhados e em direção a Oliveira do Hospital, onde é Delegado do Procurador da Republica, o sr. dr. Antonio de Abreu Mesquita, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, sr.^a D. Manuela Bebiãno Mesquita.

—Veiu aqui na quarta feira passada o nosso querido amigo José Pires Coelho David, de Pedrogam Grande, abastado proprietario e thesoureiro de Finanças daquele concelho.

—Acha-se nesta vila, com curta demora, o nosso amigo sr. Augusto Severino da Silva, antigo administrador deste concelho e redactor dos nossos presados colegas de Pombal, *O Imparcial* e do *Regionalista*, das Caldas da Rainha. Apresentamos-lhe os nossos affectuosos cumprimentos.

—Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhinho, e de regresso da Figueira da Foz á Castanhei-

ra, onde é acreditado comerciante, passou aqui, ha dias, o nosso conterraneo e amigo sr. Francisco Rodrigues Ferreira.

—Efectuou-se na passada quinta-feira a cerimonia religiosa do casamento da menina Irolinda Quaresma Nunes, interessante filha do sr. Albino Nunes, fiscal dos impostos deste concelho, com o sr. Alfredo Dias Curado, comerciante desta vila.

Foram padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Izaura Ferreira Agria e seu marido o nosso presado amigo sr. dr. Antonio da Costa Agria, abastado proprietario desta vila e, por parte do noivo, a sr.^a D. Maria Quaresma d'Oliveira Ferreira e seu marido o nosso estimado amigo sr. Antonio Ferreira, honrado comerciante da nossa praça.

Os noivos, a quem desejamos nma lua de mel prolongada e cheia de venturas, finda a cerimonia, seguiram em viagem para Tomar e Lisboa.

—Esteve em Coimbra alguns dias e já regressou a esta vila o nosso querido amigo padre Antonio Inglez, illustre parcho da nossa freguezia.

—Seguiu em viagem, para Lisboa e Coimbra, afim de tratar dos seus importantissimos negocios, o nosso presado amigo sr. Manoel dos Santos Abreu, abastado capitalista desta vila. Boa viagem.

A agricultura e o tempo

Todos os lavradores do nosso concelho andam justamente desgostosos com os nefastos efeitos agricolas da extraordinaria estiagem que temos tido e que não se sabe ainda quando terminará.

O cereaes e os legumes não produziram; as uvas ficaram em grande parte atrofiadas e nos terrenos mais delgados muitas secaram com as proprias videiras; e para cumulo de tudo isto não ha meio de se semear as hortaliças do inverno, o que muito vem agravar uma situação que já é grave pondo em grave risco a alimentação publica.

A maior parte das nascen-tes desta região, aliás fertilissimas noutros anos, encontram-se completamente secas e as poucas que restam estão de tal modo reduzidas que nada se pode regar com a sua agua!

Emfim uma verdadeira calamidade, cujas consequencias não podem deixar de ser terribéis.

Queda fatal

Em Aldeia Cimeira da Bairrada, deu-se esta semana um desastre que emocionou aquela povoação. Antonio David Paiva, viuvo, homem bemquisto de todos, muito trabalhador e sabendo impôr-se á simpatia dos seus vizinhos, dirigiu-se na quarta-feira a um poço para tirar agua e, por qualquer eventualidade que desconhecemos, resvalou para o fundo daquele abismo, onde encontrou a morte. Lamentamos o triste acontecimento e que se revejam na sua obra nefanda aqueles que, por um egoismo revoltante, cuidando só dos seus interesses e desprezando os da comunidade, captaram a agua da fonte que abastecia aquella povoação.

Se isso se não tivesse feito, já aquele desgraçado não teria ido ao poço onde encontrou a morte.

Os que assim procederam devem a estas horas lamentar o tristissimo acontecimento, mas devem mostrar que se arrependem, o que só podem fazer, repondo na referida fonte a agua que desviaram em seu proveito.

Pão de Ló de Figueiró

E' a nossa terra uma das mais visitadas de todo o paiz, não obstante ter a desdita de estar situada a quarenta e cinco kilometros do caminho de ferro e de ser servida por estradas quasi intransitaveis, o que é, por um lado, devido á incuria dos governantes e, pelo outro, ao relaxamento do pessoal encarregado da sua conservação.

Pois, além dos elementos naturaes, que oferecem ao viajante uma sedução irresistivel, um dos seus maiores atractivos é, incontestavelmente, a *Fabrica do Pão de Ló*, onde nenhum forasteiro deixa de entrar para deliciar-se com os doces ali fabricados, constituindo-se todos na obrigação de, como a melhor recordação de uma viagem, levarem aos entes queridos apetitosos productos daquela Fabrica, que não só são apreciados em Portugal, mas tambem no estrangeiro, donde frequentemente chegam encomendas acompanhadas dos maiores louvores para o seu proprietario, o nosso querido amigo sr. Antonio de Vasconcelos, o grande empreendedor que soube, á custa de grande canceira e de um labutar intelligente de todos os dias, sem desfalecimento e removendo

as dificuldades que surgem sempre neste paiz para se conseguir seja o que fôr—soube o grande empreendedor, iamos nós dizendo, imprimir á sua Fabrica um tal cunho de asseio no fabrico excelente dos seus productos, tornando-os preferidos aos de qualquer outra Fabrica, que, sem a menor duvida, não ha hoje em parte nenhuma do paiz quem possa sugeitar os seus productos ao confronto com os fabricados na *Fabrica do Pão de Ló de Figueiró dos Vinhos*. Não é proposito nosso estarmos a fazer réclame ao *Pão de Ló*, que d'ele não precisa, pois a Fabrica, apesar da sua modelar organização, não fabrica tanto quanto o que lhe é pedido todos os dias; temos apenas em vista salientar que um dos atractivos de Figueiró dos Vinhos—é um dos maiores, por certo—é aquella fabrica e que pena é que as nossas estradas se encontrem em tal estado, pois a nossa terra seria uma das mais preferidas para os amadores do Turismo, o que lhe daria incalculaveis interesses moraes e materiaes.

SECÇÃO LITERARIA

Carta á ausente

Senhora:

Nunca vistes um rei—innocente ou criminoso, para o caso pouco importa—de olhos fitos no juiz, palido como a morte, de attitude desvairada, as mãos em crispção constante, cabelos em desalinhó e ericados, a boca contraindo-se em tregeitos esquisitos, pernas á vergaram-se de desalento, o olhar louco de ansiedade; todo elle, emfim, vibrando de medo e de duvida? Pois foi assim que eu fiquei, senhora, ao receber a vossa carta, cuja recepção me creou, momentaneamente, um estado d'alma que a minha pena não sabe descrever!

Nunca sentistes a ancia de receber a noticia que tanto póde elevar nos á suprema felicidade como arrastar-nos ao maior dos infortunios?

Nunca assististes á lucta de um ente querido com as ondas do mar, vendo estas encapelarem-se em movimentos monstruosos e iracundos, e vós, louca de dor, fitando o vosso olhar nos elementos que partiram desordenadamente em socorro do naufrago? Quem saberia descrever a vossa afflicção e quem poderia comprehender a vossa febril ansiedade por que os salvadores do vosso ente querido voltassem com elle, arrancado ás fúrias do mar, e vol-o restituíssem? Pois, senhora, foi tambem em estado que difficilmente se descreve que eu rasguei o envelope da vossa carta e que comeci a sua leitura, a qual, á medida que os meus olhos devoravam os seus caracteres elegantes, de traços largos, firmes e correctos, ia produzindo na minha alma os sulcos da desilusão e do desanimo...

«Tenha coragem e procure esquecer-me, visto que o recordar-se de mim lhe aumenta o sofrimento...»—são estas as palavras da vossa

tão laconica quanto eloquente sentença.

Tarde me convenco, senhora, da grande verdade de que as mulheres serão sempre o flagelo não só dos grandes como dos pequenos homens!

Ahi está porque se lê no *Ecclesiastes*: «*observei todas as coisas com os olhos da minh'alma, e encontrei á mulher mais amarga do que a morte; ella é a rede do caçador; o seu coração é uma armadilha; as suas mãos são cadeias; escapar-lhe-há o que fôr agradável a Deus, mas o peccador será a sua presa.*»

Já na origem do mundo a primeira mulher fez banir o homem do paraíso terrestre. O forte Nazareno foi unicamente *Dalila* que o venceu, foi ella que o entregou aos seus inimigos, que o privou da vista e o reduziu a tal desespero que acabou elle proprio por se sepultar sob as ruínas do Templo.

Foi contra sua mulher, que o excitava á blasfemia, que o santo *Job* teve de sustentar o ultimo e o mais violento dos seus combates!

E seria um nunca acabar de exemplos, tantos elles são!

Mas fiquemos nos por aqui, que mais não são precisos, e voltemos á vossa sentença, a qual, já vol-o digo, não cumprirei integralmente. Quem tem tido a coragem de contêr dentro do peito, passando a vida a dissimular-o, este sagrado amor que vos consagro, tambem agora ha de tel-a para suportar a indizível desgraça do desengano e deste desfolhar de chimeras que floriram dentro desta alma agora abandonada aos agudos espinhos da realidade!...

Não vos crimino, senhora, que não me consente o immaculado amor que vos tenho, e não receis que elle alguma vez se transforme em outro sentimento violento—o odio. Não, mil vezes não! Todavia, jámais poderei esquecer-vos, como decretaste na vossa carta conjuntamente amarga e doce, porque a vossa imagem trago-a tão profundamente gravada no coração que é ella a unica preocupação do meu espirito, abafando em mim quaesquer outros sentimentos; assim como a vossa visão me acompanhará sempre, vendo-vos na minha propria sombra e ouvindo o rhytmo melodioso da vossa voz a embalar-me em sonhos e evocações de tempos idos, que me farão experimentar uma emoção ao mesmo tempo triste e suave—especie de ternura conservada e sentida á distancia...

De resto, estas expansões saíram desta ensombrada alma, que um ligeiro raio de sol aqueceu, que um feixe de luz em noite escura illuminou...

E agora, eis-nos no outono, as arvores despindo-se e a chuva e o vento fastigando as vidraças das minhas janelas, enquanto eu, nostálgico e vencido, á semelhança de certos animales, me recolho ao meu esconderijo de hibernação, guardando deste episodio as recordações com que a minha imaginação ha de completar no outono a grinalda de martirios que principiou numa bem distante primavera...

E' manhã—e como ella está linda!—e eu, cansado e mal humorado de uma noite de insónia, paro de escrever alguns instantes e bebo um pouco deste ar puro; coados pela folhagem verdejante do arvoredo e pondo florescencias douradas no modesto mobiliario, entram pela janela do tugurio onde estou á escrever-vos alguns raios de sol; á alguns metros de distancia, encosta-

da á sua janela predileta e toda vestida de branco, como se fosse para comungar, irradiando mocidade e perigrina formosura, diviso a minha encantadora visinha a sorrir-se para á passarada que lhe passa em frente e que quasi lhe roça as rosadas faces com as suas asas ainda humidas do orvalho da madrugada: é um quadro soberbo de poesia e de simplicidade! Absorveu-me por momentos e, enquanto o contemplei, que de pensamentos tristes me atravessaram o espirito! Vêde, senhora, como são as coisas deste mundo:—eu sofrendo os impetos deste amor que vos tenho e vós talvez dormindo tranquilamente e sonhando venturas!

A' hora em que sinto a alma espicada pelos espinhos da saudade, estareis vós deliciando-vos com o perfume da flor da esperança, sem que, ao menos, um ligeiro pensamento em mim interrompa o vosso sonhar de venturas! Termino, senhora, por vos tranquilisar com a afirmação de que é esta a ultima carta que vos dirijo, procurando a resignação no isolamento a que vou entregar-me.

MARCOS



Coentral, 20

Visita pastoral

Nos dias 25 e 26, estive esta freguezia em grande festa com a honrosa assistencia de S. Ex. Rev.^{ma} o Sr. Bispo D. Antonio, Bispo Auxiliar desta diocese. A's 12 horas do dia 25, chegou aqui o illustre e virtuoso Prelado, que era esperado pelo sr. parochio, por muito povo e pela filarmónica de Castanheira de Pera, dirigindo-se á casa do proprietario e fervoroso catolico sr. Joaquim Miguel, onde se paramentou. Dali, no meio do estalejar de foguetes e morteiros, seguiu S. Ex.^a Rev.^{ma} processionalmente, debaixo do palio, acompanhado da mesma multidão, filarmónica e clero, á Igreja, fazendo ahi a sua entrada solene com todas ceremonias rituaes. Na Igreja, S. Ex.^a Rev.^{ma}, depois de fazer a visita ao S. S. Sacramento, subiu ao pulpito e num belo e primoroso discurso agradeceu aos nossos parochianos, á maneira carinhosa e cativante como haviam recebido.

Em seguida, fez-se a imponente procissão ao cemiterio novo, na qual se incorporou tambem a irmandade do Santissimo, e durante o seu trajecto a mesma filarmónica executou uma harmoniosa marcha funebre que comovia até ás lagrimas. Recolhida á Igreja, continuaram as confissões e a ministração do Santo Crisma.

No dia 26, pelas 8 horas da manhã, celebrou missa S.

Ex.^a Rev.^{ma}, no fim da qual fez uma primorosa e sentida pratica a 30 creanças da primeira comunhão, que receberam das mãos do virtuoso Prelado, o pão dos anjos, assim como um grande numero de pessoas.

Durante esta cativante cerimonia foi cantado o «benedito» pelas gentis e simpaticas damas de Lisboa, D. Carmo e D. Berta Mirandas e por um grupo de raparigas desta terra.

Ao meia dia começou a missa da festa a N. S. da Nazaré, cantada pelo rev. parochio acolitado pelos rev.^{os} Antonio d'Almeida Inglez e José Henriques do Nascimento, respectivamente parochos de Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera.

Ao Evangelho subiu ao pulpito o verboso e illustre orador sagrado padre Antonio Inglez que, cerca duma hora, deliciou o grande auditorio, que enchia completamente o templo, com uma sã e conceituosa doutrina.

Depois foi dada a benção do Santissimo Sacramento por S. Ex.^a Rev.^{ma} e a seguir fez-se a procissão que percorreu as ruas principaes desta povoação que se achavam lindamente ornamentadas com arcos de verdura feitos com muito gosto, atapetados de juncos, muitas bandeiras e as janelas enfeitadas com muitas colchas, produzindo tudo isto um maravilhoso efeito!

Recolhida a procissão á Igreja o illustre Prelado, depois de orar por algum tempo, subiu novamente ao pulpito, fazendo as suas despedidas e agradecendo a este bom povo, as provas de consideração, estima e respeito que lhe dispensou, dando-lhe ao mesmo tempo conselhos salutaes e fazendo-lhe algumas recommendações necessarias a todo o catolico para bem cumprir os seus deveres religiosos.

No dia 27, de manhã ainda aqui celebrou missa S. Ex.^a Rev.^{ma}, saindo em seguida para a freguezia de Campelo acompanhado dos rev.^{os} padre Inglez e padre Nascimento. E assim terminou a visita pastoral que certamente produziu e hade continuar a produzir abundantes frutos espirituales em todas as pessoas que vivem nesta freguezia, nas quaes ficou gravada a mais viva e saudosa recordação.

Graças a Deus, houve cerca de tresentos crismas e muito perto de quatrocentas comunhões.

—Já se acham quasi concluidos os melhoramentos feitos na Igreja Matriz desta freguezia, nos quaes este povo laborioso e crente foi incansavel, não se poupando a sacrificios e trabalhos que o tornam digno dos mais rasgados elogios

Correspondente